



Revista Latino-americana de Ambiente Construído & Sustentabilidade

Latin American Journal of the Built Environment & Sustainability

Revista Latinoamericana de Ambiente Construído y Sostenibilidad

ISSN 2675-7524 - v. 6, n. 25, 2025

Vila Cristiana: A paisagem como pauta emancipadora.

Kelly Cristina Magalhães

Professora Doutora, UNESP, Brasil

kelly.magalhaes@unesp.br

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-2174-4370>



Vila Cristiana: A paisagem como pauta emancipadora.

RESUMO

Objetivo – O artigo apresenta o conceito de paisagem a partir de uma pauta emancipadora. Partindo de uma prática laboratorial em que pesquisa e extensão se fundem na perspectiva da elucidação de políticas públicas em nível municipal.

Metodologia – Toma-se como método de pesquisa o reconhecimento e mapeamentos dos atributos da paisagem com a finalidade de valorar tais elementos e partir para a consulta junto a populações, que por séculos permanecem sem acesso a políticas públicas inclusivas, ressaltando seu potencial para fomentar uma convivência mais harmônica entre humanidade e natureza.

Originalidade/relevância - O racismo ambiental, termo cunhado por Benjamim Franklin Chavis, ativista negro na América do Norte, por volta 1982, é a forma mais concreta que aflora a partir das desigualdades sociais e impulsiona a exclusão socioespacial, de invisibilidades constantes e complexas da população negra em áreas de sub-habitação, assentamentos precários em grandes e pequenas cidades. A análise da paisagem sob essa perspectiva nos convida a refletir sobre o papel do ativismo ambiental e a necessidade de uma abordagem interseccional que considere as múltiplas dimensões das lutas sociais.

Resultados – Tem-se como resultado, a construção de um ideário de compreensão da aproximação dos entes cidade e floresta, com o intuito de dimensionar a relação entre as populações, que vivem em meio a remanescentes de cerrado, com os fragmentos da vegetação, predominante no sítio onde se desenvolveu a cidade de Bauru. Destacamos aspectos do problema advindos da dificuldade do estabelecimento de uma política fundiária justa, tais como o acesso à terra como dimensão da noção de território, premissa que possibilitou uma investigação sobre as condições de acesso à moradia a partir da aproximação com assentamentos dos movimentos sociais, na cidade em estudo e, finalmente, apresentar a cidade como laboratório a partir de um Roteiro de Análise de sua paisagem com o propósito de dar contornos a um projeto da paisagem.

Contribuições teóricas/metodológicas - A interação entre técnicos e a comunidade a partir do conhecimento da paisagem propiciou a captação de necessidades e aspirações, desvelando um princípio participativo essencial para impulsionar uma agenda de justiça espacial na prática. Assim também, abordar a participação popular, condição ainda latente em um país cuja democracia é tão jovem e frágil, a partir do aprofundamento sobre conhecimento histórico e ambiental possibilitou que as diferentes feições da paisagem fossem identificadas e reconhecidas pela comunidade.

Contribuições sociais e ambientais – Por fim, devemos considerar que a análise da paisagem sob a perspectiva da consulta a populações menos assistidas nos convida a refletir sobre a necessidade de uma abordagem que considere a pauta das lutas sociais, como substantivo para a construção de uma cidade mais justa e socialmente equilibrada. A práxis revolucionária, ao integrar as questões de raça, classe e gênero nas discussões sobre paisagem, contribui para a construção de um futuro mais justo e sustentável, onde todas e todos têm voz e vez na configuração do ambiente que habitam.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem, políticas públicas, projeto da paisagem

Vila Cristiana: The landscape as an emancipatory agenda.

ABSTRACT

Objective – This article presents the concept of landscape from an emancipatory perspective, drawing on a laboratory practice in which research and outreach merge to elucidate public policies at the municipal level.



Methodology – The research method used is the recognition and mapping of landscape attributes with the aim of valuing these elements and consulting with populations, who for centuries have remained without access to inclusive public policies, highlighting their potential to foster a more harmonious coexistence between humanity and nature.

Originality/Relevance – Environmental racism, a term coined by Franklin Chavis, a Black activist in North America, in 1982, is the most concrete form of racism that emerges from social inequalities and drives socio-spatial exclusion, resulting in the constant and complex invisibility of the Black population in sub-standard housing and precarious settlements in large and small cities. Analyzing the landscape from this perspective invites us to reflect on the role of environmental activism and the need for an intersectional approach that considers the multiple dimensions of social struggles.

Results – The result is the construction of an understanding of the connection between city and forest, aiming to understand the relationship between the populations living amidst remnants of the Cerrado and the fragments of vegetation predominant in the site where the city of Bauru developed. We highlight aspects of the problems arising from the difficulty of establishing a fair land policy, such as access to land as a dimension of the notion of territory. This premise enabled an investigation into the conditions of access to housing based on an approach to social movement settlements in the city under study. Finally, we present the city as a laboratory based on a Landscape Analysis Roadmap with the purpose of outlining a landscape project.

Theoretical/Methodological Contributions – The interaction between technicians and the community, based on knowledge of the landscape, enabled the identification of needs and aspirations, revealing an essential participatory principle for advancing a spatial justice agenda in practice. Likewise, popular participation, based on in-depth historical and environmental knowledge, enabled the community to identify and acknowledge the different features of the landscape.

Social and Environmental Contributions – Finally, we must consider that analyzing the landscape from the perspective of consulting a less-assisted landscape invites us to reflect on the need for an approach that considers the agenda of social struggles as a basis for building a more just and socially balanced city. Revolutionary practice, by integrating issues of race, class, and gender into discussions about landscape, contributes to building a more just and sustainable future, where everyone has a voice and a say in shaping the environment they inhabit.

KEYWORDS: Landscape, public policies, landscape design.

Vila Cristiana: El paisaje como agenda emancipadora.

RESUMEN

Objetivo – Este artículo presenta el concepto de paisaje desde una perspectiva emancipadora, a partir de una práctica de laboratorio en la que investigación y extensión se fusionan para dilucidar políticas públicas a nivel municipal.

Metodología – El método de investigación utilizado es el reconocimiento y mapeo de los atributos del paisaje con el objetivo de valorar estos elementos y consultar con las poblaciones, que durante siglos han permanecido sin acceso a políticas públicas inclusivas, destacando su potencial para fomentar una convivencia más armoniosa entre la humanidad y la naturaleza.

Originalidad/Relevancia – El racismo ambiental, término acuñado por Franklin Chavis, activista negro norteamericano, en 1982, es la forma más concreta de racismo que surge de las desigualdades sociales e impulsa la exclusión socioespacial, resultando en la constante y compleja invisibilidad de la población negra en viviendas precarias y asentamientos precarios en ciudades grandes y pequeñas. Analizar el panorama desde esta perspectiva nos invita a reflexionar sobre el papel del activismo ambiental y la necesidad de un enfoque interseccional que considere las múltiples dimensiones de las luchas sociales.

Resultados – El resultado es la construcción de una comprensión de la conexión entre la ciudad y el bosque, con el objetivo de comprender la relación entre las poblaciones que viven entre los remanentes del Cerrado y los fragmentos de vegetación predominantes en el sitio donde se desarrolló la ciudad de Bauru. Destacamos aspectos de los problemas derivados de la dificultad de establecer una política territorial justa, como el acceso a la tierra como una dimensión de la noción de territorio. Esta premisa permitió una investigación sobre las condiciones de acceso a la vivienda a partir de un enfoque de los asentamientos de los movimientos sociales en la ciudad en estudio. Finalmente,

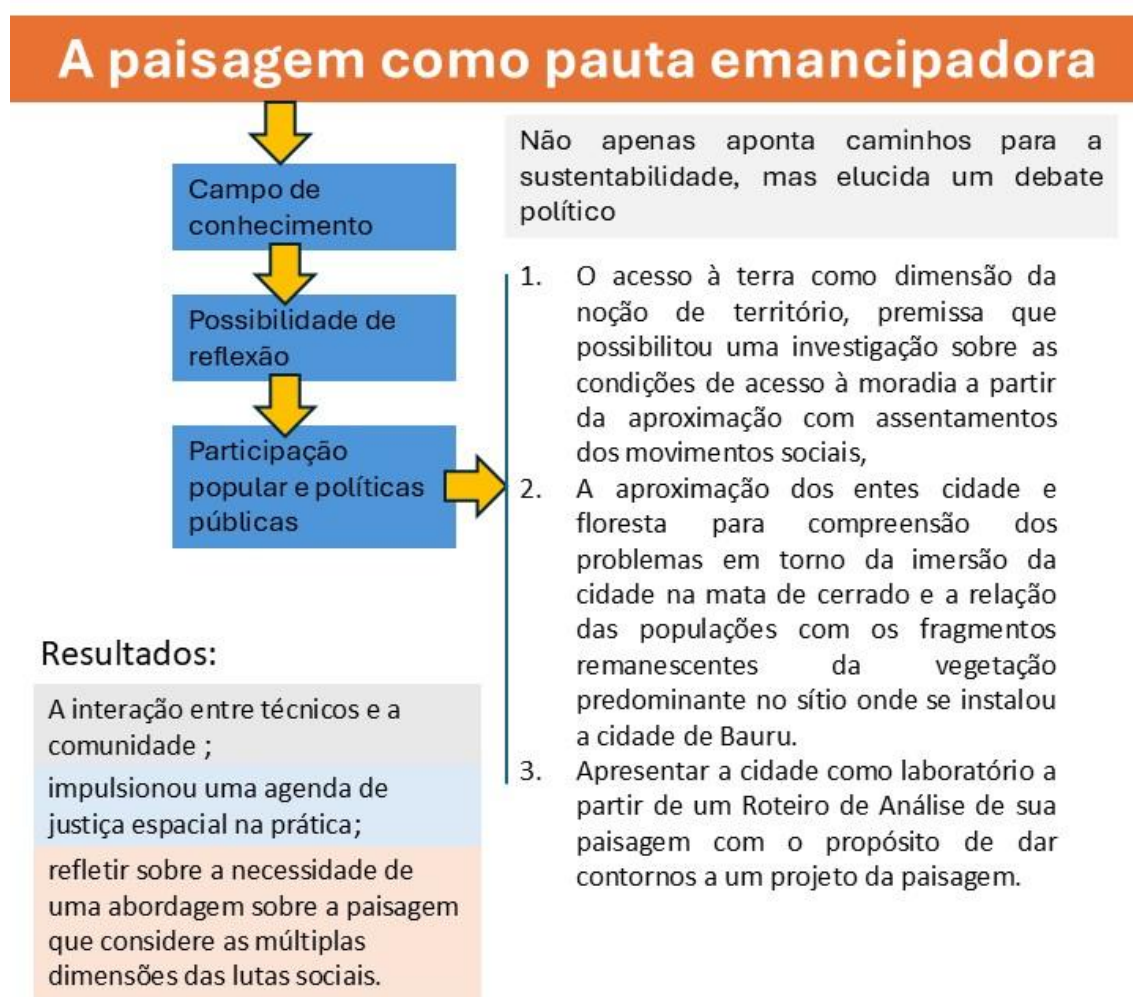


presentamos la ciudad como un laboratorio basado en una Hoja de Ruta de Análisis del Paisaje con el propósito de delinear un proyecto de paisaje.

Contribuciones Teóricas/Metodológicas La interacción entre los técnicos y la comunidad, basada en el conocimiento del paisaje, permitió identificar necesidades y aspiraciones, revelando un principio participativo esencial para impulsar una agenda de justicia territorial en la práctica. Asimismo, la participación popular, basada en un profundo conocimiento histórico y ambiental, permitió a la comunidad identificar y reconocer las diferentes características del paisaje.

Contribuciones Sociales y Ambientales – Finalmente, debemos considerar que analizar el paisaje desde la perspectiva de la consulta de un paisaje menos atendido nos invita a reflexionar sobre la necesidad de un enfoque que considere la agenda de las luchas sociales como base para construir una ciudad más justa y socialmente equilibrada. La práctica revolucionaria, al integrar cuestiones de raza, clase y género en los debates sobre el paisaje, contribuye a construir un futuro más justo y sostenible, donde todas las personas tengan voz y voto en la configuración del entorno que habitan.

PALABRAS CLAVE: Paisaje, políticas públicas, diseño del paisaje.





1 INTRODUÇÃO

As paisagens que habitamos são muito mais do que cenários naturais; elas são construções sociais impregnadas de histórias, memórias e relações de poder. A saber, a principal questão que apresentamos neste momento é como a paisagem se coloca como exercício e prática de análise. Questões que nós discutimos a partir desse trabalho, procurando reconhecer as bases conceituais para a paisagem enquanto uma problemática a ser questionada e reivindicada como percurso analítico, mas também político. Neste contexto, a paisagem emerge como uma técnica emancipadora, capaz de promover uma práxis revolucionária que transforma não apenas o meio ambiente, mas também as relações humanas.

Inspirados pelos estudos decoloniais, este artigo busca explorar a paisagem como ferramenta pedagógica e instrumento de reparação histórica das populações que por séculos permanecem sem acesso a políticas públicas inclusivas, ressaltando seu potencial para fomentar uma convivência mais harmônica entre humanidade e natureza. Através da análise crítica das interações entre cultura e natureza, propomos uma reflexão que visa não apenas a sustentabilidade, mas a construção de um futuro em que todos possam coexistir de forma justa e equitativa.

O entendimento da colonialidade é fundamental, para uma análise crítica das desigualdades atuais e para a promoção de práticas de descolonização em várias esferas da vida social, cultural e política. Ao questionarmos a colonialidade, podemos trabalhar para construir sociedades mais justas e equitativas. Essa interseção nos leva a refletir sobre a necessidade de uma abordagem decolonial nas discussões acerca da paisagem, onde se reconheça não apenas a importância da preservação ambiental, mas também a necessidade de justiça socioespacial, e portanto de justiça ambiental.

Segundo Albert Memmi (1989), o racismo é uma herança da colonização e um dos traços mais marcantes desse processo histórico, sendo um dos estatutos do período colonial que se manteve inalterado. Assim, uma decolonialidade dialógica, sendo capaz de estabelecer conversações interculturais, além de diferentes pensamentos, inclusive a cultura europeia - abstraindo delas o que tem de aspectos positivos, mas negando onde há sabotagem pela dominação e negação de saberes, poderes e culturas inferiorizadas e subsumidas pela colonialidade (MEMMI, 1989, p. 69).

Tomando como referência a literatura sobre a compreensão do campo de um pensamento decolonial, pretende-se construir um conhecimento outro e possível, em busca de desconstruir o racismo epistêmico (Walsh, 2007, p. 9), apontando-se a enunciação de autonomia em relação a inflexões rígidas e herméticas, próprias da colonialidade. Considerando também, diferentes epistemes como possibilidades outras do conhecimento (BRIOSO, 2018, p. 30).

O racismo brasileiro se apresenta, na maioria das vezes, de forma implícita, pois não explicita normas e regulamentos diferenciados para o tratamento de negros e não negros, ao contrário, sua dinâmica de exclusão e invisibilização são bastante complexas e híbridas. Mesmo sendo constantemente negado em prol do mito da existência de uma democracia racial, o racismo foi amplamente mencionado em depoimentos recolhidos, no âmbito desta pesquisa, e



está presente nas discriminações na imobilização e no silêncio da história negra, nos territórios de luta pela moradia, mas sobretudo no caso de cidades do interior paulista.

Desde ponto, a luta por Igualdade racial e por equidade de políticas públicas de atendimento a demandas próprias da população negra deve ter pauta unificada de negros e brancos. A população negra ainda tem que enfrentar o desafio de proteger-se em nível institucional, pois ainda há um atraso na incorporação dessas demandas na agenda de ações do estado.

O racismo ambiental, termo cunhado por Franklin Chavis, ativista negro na América do norte, em 1982, é a forma mais concreta que aflora a partir das desigualdades sociais e impulsiona a exclusão socioespacial, de invisibilidades constantes e complexas da população negra em áreas de sub-habitação, assentamentos precários em grandes e pequenas cidades. Chavis (1982) denuncia, em seus pronunciamentos como ativista religioso, que o racismo ambiental é :

A discriminação racial na elaboração de políticas ambientais, aplicação de regulamentos e leis o direcionamento deliberado de comunidades racializadas para instalações de resíduos tóxicos. A sanção oficial da presença de venenos e poluentes que representam uma ameaça à vida em nossa comunidade e a história da exclusão de pessoas racializadas dos espaços de lideranças nos movimentos ecológicos” (Martinez Alíer apud Chavis, 2018, p. 53)

O racismo ambiental foi e continua sendo um conceito crucial que amplia nossa compreensão sobre a localização estratégica de lixões e aterros tóxicos, assim como de outras práticas que desvalorizam a vida da população negra e indígena, mas as ações não são desconectadas de um propósito excludente.

Atualmente, as urgências apontadas no universo das mudanças climáticas se entrelaçam com as questões étnico-raciais, evidenciando um fenômeno definido pelo racismo ambiental. Para o filósofo martinicano Malcom Ferdinand, no livro *Uma Ecologia Decolonial*, “a lógica de agressão ao meio ambiente e a violência racista estão reunidos no conceito de racismo ambiental” (FERDINAND, 2022, p. 16). Isto define quem está mais vulnerável à poluição ambiental e sobretudo como o racismo especificamente, mas também colonialismo e a escravidão, ajudaram a construir um mundo fundamentado na destruição ambiental. Precisamos de um ensino decolonial, e mais práticas imbuídos do desejo de romper com o ‘vínculo placentário’ com a cultura europeia, como nos alertou o sociólogo e crítico literário Antônio Candido, pois esta seria a possibilidade de rompermos uma ordem que se inscreve dentro de uma história que foi construída no ritmo de uma invenção de território que não nos pertence.

Sendo assim, busca-se identificar as interrelações entre os elementos que compõem a paisagem optando por interpretá-los à luz da Ecologia da Paisagem para compreender a relação entre os processos naturais e antrópicos prevendo os impactos nos futuros, para um projeto da paisagem pensado de forma equilibrada (METZGER, 2001, p. 322). Tomamos como base para os estudos, a cidade de Bauru, interior do estado de São Paulo, graças aos inúmeros trabalhos já realizados por nós sobre esta cidade.

A análise dos percursos de grupos ativos politicamente, presentes nesta cidade, possibilitou uma nova forma de entender a cidade contemporânea. Os grupos sociais,



identificados a partir de suas práticas de ocupação em terras ociosas, circunscrevem formas de resistência da comunidade em meio a escassez de políticas estatais de atendimento à demanda por habitação e a exposição de áreas que revelam características importante do bioma cerrado e mata atlântica (CAVASSAN & WEISER, 2015, p. 66).

Analisa-se, fundamentalmente, três aspectos, quando possível, aspectos dos problemas advindos da dificuldade de uma política fundiária justa, tais como o acesso à terra como dimensão da noção de território, premissa que possibilitou uma investigação sobre as condições de acesso à moradia a partir da aproximação com assentamentos dos movimentos sociais, na cidade em estudo. Entre outros aspectos, a aproximação dos entes cidade e floresta para compreensão dos problemas em torno da imersão da cidade junto aos remanescentes de cerrado e a relação das populações com os fragmentos da vegetação predominante no sítio onde se instalou a cidade de Bauru. E finalmente, apresentar a cidade como laboratório a partir de um Roteiro de Análise de sua paisagem com o propósito de dar contornos a um projeto da paisagem

2 PAISAGEM COMO PRÁXIS REVOLUCIONÁRIA.

A paisagem, enquanto construção social, reflete não apenas características naturais, mas também as dinâmicas sociais e políticas que a moldam. Nesse sentido, ela se torna um espaço de luta e resistência, onde comunidades se organizam para reivindicar seus direitos e afirmar suas identidades. A práxis revolucionária, portanto, se manifesta na forma como os indivíduos e grupos se relacionam com seu ambiente, transformando a paisagem em um símbolo de suas lutas.

Historicamente, diversas comunidades têm utilizado a paisagem como um espaço de contestação. Desde as mobilizações em defesa de territórios indígenas até as lutas urbanas por habitação digna, a paisagem se torna um palco onde se debatem questões de justiça social e ambiental. Essas lutas revelam a interdependência entre os espaços que habitamos e as relações de poder que os estruturam. A transformação da paisagem, então, não é apenas uma questão estética, mas um ato político que desafia as narrativas hegemônicas e busca reverter injustiças históricas.

A transformação do espaço existente é a realização do trabalho humano a partir da utilização da tecnologia, bem como a evolução da técnica no sentido do aprimoramento de aparelhos e ferramentas que alteram a relação do homem com seu meio. A constatação é de que a excessiva modificação levou a um desgaste do meio e a vida na Terra chegou a um tenso desequilíbrio.

Além disso, a práxis revolucionária da paisagem é também uma forma de resistência cultural. Comunidades que vivem em situações de marginalização frequentemente utilizam a recuperação e valorização de seus espaços como um meio de afirmar sua identidade e história. Projetos de revitalização de áreas afetadas pelo racismo ambiental, por exemplo, não apenas buscam restaurar ecossistemas, mas também reconstituir a memória coletiva e promover a inclusão social. Para Marx, a práxis como a capacidade humana de agir e transformar o mundo, tornando-se sujeito da história através da união dialética entre teoria e prática (Silva, 2017, p. 71-86). Em Habermas, ampliou o conceito, vendo a práxis como uma técnica científico-reflexiva



e emancipadora para desvendar e questionar o funcionamento da sociedade capitalista e suas relações de poder. *“Habermas propõe um modelo ideal de ação comunicativa, em que as pessoas interagem e, através da utilização da linguagem, organizam-se socialmente, buscando o consenso de uma forma livre de toda a coação externa e interna.”* (Gonçalves, 1999, p. 133)

A população, que por sua vez, encontra-se em constante atuação política de resistência, e em condições de errância na cidade, em busca de terras para ocupar, desenvolvem certos deslocamentos na cidade contemporânea, o que permite aproximações e uma análise que prescinde de uma abordagem apenas quantitativa. Isto permite a compreensão da complexidade de sua estrutura em constante mudança. A intensidade e a concentração dessas inter-relações denotam a presença de certas atividades ou ainda formas específicas de fluxos, tipos de ocupação e possibilidade de novas combinações nesta cena.

Em diversos países, milhões de pessoas vivem em condições de risco para a saúde, em favelas superlotadas e assentamentos informais, ou em outras condições de desrespeito aos direitos e à dignidade humana. Outros milhões de pessoas, a cada ano, são despejadas de suas casas, ou ameaçadas para serem forçadamente removidas (OHCHR; ONU-Habitat, 2009). Em 2019, o Brasil possuía um déficit habitacional de cerca de 5,87 milhões de moradias (FJP-Fundação João Pinheiro, 2021) para um total de 90,688 milhões de domicílios (IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e estatística, 2022), portanto, tais unidades somam 6,48% das moradias nacionais. No entanto, em função da crise (sanitária, econômica e social) causada pela pandemia de COVID-19, iniciada em 2020, esta estimativa encontra-se defasada, visto que retrata a realidade socioeconômica do Brasil pré-pandemia. Sendo assim, é necessário relacionar este dado com projeções futuras.

Até 2030, o déficit habitacional brasileiro deverá alcançar 11,9 milhões de moradias, conforme pesquisa da Econit Consultoria Econômica, encomendada pela Associação Brasileira de Incorporadoras Imobiliárias (Abrainc) (ECONIT, 2020; ABRAINC, 2021). Dentro desta projeção, cerca de 44,40% da demanda (5,2 milhões de moradias) terá como público-alvo as famílias com renda entre 01 e 03 salários-mínimos (ABRAINC, 2021). Esta é justamente a faixa de renda das famílias que mais necessitam das políticas públicas de habitação social.

Pretos e pardos constituem a maior grupo social presente nas periferias e nas ruas, além disso, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), sete em cada dez brasileiros que moram em casas com algum tipo de inadequação são negros. Frisa-se que para o Instituto inadequações são: a ausência de banheiro exclusivo, a existência de paredes externas com materiais não duráveis, o adensamento excessivo de moradores (mais de três moradores para cada dormitório), o ônus excessivo com aluguel e a ausência de documento de propriedade do imóvel.

2.1 Vila Cristiana: a luta pela moradia e o direito à paisagem equilibrada

A polêmica da ausência de políticas públicas inclusivas de acesso à moradia se coloca como peça fundamental para uma aproximação com o debate em todo o Brasil. Efeito do afastamento do Estado, o fortalecimento de movimentos sociais de luta por moradia transforma o cenário de pequenas no interior do país, como o caso de Bauru-SP. Temos como exemplo o



Movimento Social de Luta dos Trabalhadores (MSLT), que defende o direito à moradia para famílias de baixa renda e busca promover o direito ao acesso à terra para a população mais vulnerável no município em questão, bem como em localidades vizinhas.

Dentro desse contexto, destaca-se a ocupação de assentamentos por grupos sociais em condição de vulnerabilidade, como a população negra e periférica. O Brasil hodierno é marcado pela desigualdade aviltante, fruto de uma sociedade capitalista com histórico escravocrata, que tornou a população negra o segmento com a maior vulnerabilidade social no território. O grupo está em menor quantidade nos espaços de poder, no ambiente corporativo, nas escolas e universidades, contudo, apresenta um grande contingente populacional nas periferias, ruas, penitenciárias e nos subempregos.

Para Maricato (2001, p. 154) “não há números gerais, confiáveis, sobre a ocorrência de favelas ou loteamentos irregulares em todo Brasil”. Em meio ao ambiente urbano os assentamentos, designado como unidade territoriais são caracterizados por ocupações espontâneas, áreas predominantemente residenciais, habitadas por famílias de baixa renda. A expressão “aglomerado de domicílios subnormais” foi amplamente utilizada para caracterizar um dos tipos de assentamento precário, a favela. Para efeitos censitários, os aglomerados subnormais são caracterizados por um conjunto de, no mínimo, 51 domicílios, ocupando terrenos desocupados, públicos ou privados, dispostos com frequência de forma desordenada, densa e permeado por escassez de serviços públicos essenciais. Para efeito de definição, o conjunto de domicílios de uma favela apresenta quatro tipos de irregularidades: quanto à propriedade, legislação de edificações, uso do solo e ao parcelamento do solo. Atualmente, a adoção do termo favela para designar área precárias na cidade pode revelar novos contornos metodológico e melhor definição para os moradores do lugar (MARICATO, 2001; QUEIROZ, 2015).

Existem no Brasil mais de 12 milhões de pessoas vivendo em assentamentos precários, entre estes está o Vila Cristiana, localizado na zona periférica de Bauru-SP, teve sua origem Acampamento Nova Canaã, que teve início no ano de 2013 com a chegada de cerca de 300 famílias, localizado na Zona Sul da cidade. A ocupação foi paulatina e ao final de 2018 possuía 670 famílias acampadas, que permaneceram no local até janeiro de 2019. A partir de novas demandas exigidas pela comunidade do acampamento, o MP- Ministério Público elaborou um TAC - Termo de Ajuste de Conduta, que permitia a permanência dessas famílias em até três anos, assim firmando um acordo com a comunidade. Após 2019 essas famílias foram assentadas no Parque Primavera, hoje com o nome de Vila Cristiana, e desde então cerca de 184 famílias lutam para que o seu direito à moradia e a cidade sejam assegurados, em meio a uma paisagem adversa á condições em que habitam.

A pesquisa que apresentamos foi desenvolvida durante os anos de 2022 e 2024, com o objetivo de compreender a ocupação do Vila Cristiana, a partir da identificação da população negra, pretos e pardos, para então proceder a análise da paisagem e contribuir com a elaboração de políticas públicas.

Através do projeto de pesquisa intitulado “Projeto Cristiana”, buscou-se promover o reconhecimento da história da comunidade do assentamento, bem como, a importância da ocupação de espaços na cidade Bauru, a fim de fomentar ações afirmativas que possam subsidiar



políticas públicas de cunho étnico-racial. Neste projeto, tem-se como objetivo a manter da aproximação com a população que está assentada no Vila Cristiana, quando por efeito do termo de reintegração de posse da terra que ocupavam, foram transferidos para a região do Cemitério Bom Pastor em Bauru-SP.

Com relação aos dados coletados a partir dos questionários, observa-se que no total, 72,2% da população local é composta por mulheres, que em sua maioria são donas de casa e autônomas para complementar a renda de suas famílias. Estas mulheres, em suma, além de serem arrimos de família, são grandes articuladoras sociais e em meio à maternidade, tarefas diárias, trabalhos com longa carga horária, lutam pelo reconhecimento e desenvolvimento da comunidade.

Sobre a idade dos participantes, 24,5% têm entre 60 ou mais anos, seguido dos moradores de 20 a 29 anos com 22,4%, e logo em seguida dos moradores de 50 a 59 anos com 20,4%. Diante deste dado é importante ressaltar que existe um número expressivo de idosos morando no assentamento. Logo, tornam-se ainda mais alarmantes os problemas de infraestrutura existentes, uma vez que grande parte deste segmento social demanda uma maior acessibilidade para a acessibilidade na cidade.

Acerca das autodeclarações, 56,8% dos moradores entrevistados se identificam como pardos, seguido de 22,7% como pretos e 18,2% como brancos (gráfico 3). Nesse contexto, a maior parte das famílias são compostas por 4 pessoas, sendo no total 28,3% dos entrevistados, porém 15,1% dos lares têm 5 pessoas e 1,9% 6 ou mais (gráfico 4). A maioria das casas onde estas famílias moram foram primordialmente construídas em madeira sendo que 40% continuam neste material, seguido de 38,6% de alvenaria e 13,6% de madeirite (gráfico 5). Além disso, foram apontados obstáculos financeiros e de regularização do lote como impedimentos para a construção permanente da casa.

As informações corroboram com a pesquisa do IBGE - mencionada anteriormente - que aponta que a população negra é o principal grupo social residente de moradias com algum tipo de inadequação. O contexto apresentado representa os desdobramentos de uma sociedade que tem o racismo como uma tecnologia de poder fundante, estruturante e replicante em todo tecido social (MBEMBE, 2018). Sob esse prisma, torna-se incontestável a afirmação de Sueli Carneiro (2011) de que no Brasil raça e pobreza são sinônimos, o que aniquila o “mito da democracia racial”, conceito ainda vivo no imaginário de grande parte da sociedade:

(...) Erigiu-se no Brasil o conceito de democracia racial; segundo esta, pretos e brancos convivem harmoniosamente, desfrutando iguais oportunidades de existência (...). A existência dessa pretendida igualdade racial constitui o 'maior motivo de orgulho nacional' (...). No entanto, "devemos compreender democracia racial como significando a metáfora perfeita para designar o racismo estilo brasileiro: não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o apartheid da África do Sul, mas eficazmente institucionalizado nos níveis oficiais de governo assim como difuso no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país" (NASCIMENTO, 1978, pp.41 e 92.).



Por fim, ao serem questionados sobre o que falta no assentamento, os participantes, em sua maioria, citaram: asfalto, água, ônibus, calçada, infraestrutura, coleta de lixo, segurança, lazer, posto de saúde e iluminação. As questões citadas representam direitos básicos que o Estado deve propiciar, contudo este é envolto pela necropolítica, uma perversa tecnologia social que dita quem pode viver e quem deve morrer, por meio da distribuição de direitos, recursos e possibilidades (MBEMBE, 2018). Na definição de quem deve viver e quem deve morrer, a raça atua como um mecanismo de regulação, afinal, essa é a "condição para a aceitabilidade do fazer morrer" (FOUCAULT, apud MBEMBE, 2018.p.18). Destaca-se ainda que a morte citada Achille Mbembe versa não apenas a física, mas também a simbólica, bem como, a morte de epistemes.

Durante o círculo de cultura realizado, notou-se que as mulheres que estão mais engajadas com a luta pela moradia foram as que tiveram uma maior aderência à ação. Estas, em sua maioria, sentiram-se confortáveis para compartilhar suas narrativas, as quais são envoltas pelo entristecimento devido aos despejos ocorridos anteriormente, o descontentamento com a infraestrutura do local onde estão inseridas, as divergências com outros membros da comunidade, a ansia pela aquisição de uma moradia adequada e a dedicação à família e ao lar.

A atmosfera apresentada é a materialização da fala de Fernando Henrique Cardoso, a qual dizia que o ápice da exclusão social no Brasil estava representado em uma mulher negra, chefe de família e trabalhadora rural (CARNEIRO, 2011). Inseridas nesse perverso contexto marcado por condições de subcidadania, essas moradoras vivenciam uma espécie de "asfixia social" que produz barreiras tangíveis e intangíveis na aquisição do bem viver (CARNEIRO, 2011). Assim é delineado um estado de "matriarcado da miséria": "A expressão "matriarcado da miséria" foi cunhada pelo poeta negro e nordestino Arnaldo Xavier para mostrar como as mulheres negras brasileiras tiveram sua experiência histórica marcada pela exclusão, pela discriminação e pela rejeição social, e revelar, a despeito dessas condições, o seu papel de resistência e liderança em suas comunidades miseráveis em todo o país." (CARNEIRO, 2011, p. 121).

Portanto, sem a existência dessas mulheres a comunidade - possivelmente - sucumbiria. Sendo assim, é fulcral a construção de políticas públicas que pautem grupos vulneráveis sob uma perspectiva interseccional, a fim de trazer à tona os recortes de raça, gênero e classe, na perspectiva de uma paisagem equilibrada.

2.2 A paisagem como ação transformadora: uma questão de método.

Partimos do pressuposto que diferentes lugares produzem e reproduzem diferentes conhecimentos, o que interessa diretamente à análise espacial, nesse caso paisagística. Destaca-se assim a necessidade de uma abordagem da paisagem que parta de significados locais. Opta-se pelo reconhecimento e mapeamento dos atributos da paisagem que são identificados como componentes que formam a paisagem, suas definições e relações, possibilitando assim o conhecimento dos processos urbanos e naturais daquela localidade em específico.

Todos os estudos estão baseados no inventário de elementos físicos (naturais: geomorfologia, formação geológica etc., e aqueles resultantes da intervenção humana) como primeira aproximação aos problemas que serão enfrentados pelo projeto e, não menos



importantes, mas sobretudo o destaque dado aos elementos biológicos da paisagem, quando pode-se considerar a grande contribuição de Ian McHarg (1969). Os levantamentos têm início a partir da compreensão da formação geológica, estudando depois as condições meteorológicas, o que permite uma reinterpretação das condições hidrológicas subterrâneas, assim como a descrição física de sua geografia; para então estabelecer parâmetros de interpretação da hidrologia de superfície, os solos, a vegetação (MCHARG, op. cit.).

Todas essas informações são organizadas em cartas que vão contribuir para a fase denominada leitura da paisagem. O diagnóstico e interpretação dos dados compõem a fase em que os dados obtidos serão analisados e relacionados com uma série de usos possíveis, quando então, na próxima etapa, define-se qual é a aptidão do ambiente a esses usos. Esses usos são selecionados isoladamente assim como se considera a possibilidade que certas zonas apresentem usos múltiplos coexistentes.

Parte-se para a confecção e a posterior análise das Cartas Temáticas, para que de sua sobreposição tenha-se como resultado a destinação do potencial de ocupação do uso do solo urbano. Considerando que as áreas sujeitas a erosão, compreendem grande extensão da área urbana da bacia do rio Bauru, onde a cidade está localizada, estas características têm causado em toda a sua extensão a obstrução cursos d'água, redução da capacidade de armazenamento da água, comprometimento da qualidade da água, alteração ecológica do meio aquático, modificações estrutura do solo.

Posteriormente, recorre-se ao levantamento e análise da carta topográfica, para classificação das diversas áreas em função da declividade, bem como o seu potencial de uso, definindo-se a capacidade de suporte do solo para que se garanta a diminuição, em todo a extensão territorial, do volume de escoamento superficial de água pluvial, o incremento da cobertura vegetal protetora do solo, já exposto; a menor exposição do subsolo e de formações geológicas menos permeáveis, o aumento da absorção da água, aumento das áreas de drenagem devido às áreas construídas, utilizando-se como parâmetro os quintas, hortas e outras manifestações culturais do verde nesta área, e assim, garante-se o equilíbrio do regime de água subterrânea, o que afeta o sistema de drenagem, e portanto a alteração do sistema de drenagem e macrodrenagem como um todo.

Para a análise da Carta da Componentes da topografia, objetivou-se na identificação dos sistemas de drenagem observando os caminhos naturais de escoamento e o efeito das áreas adjacentes sobre a região de estudo, a determinação das características de solo identificando áreas críticas e a identificação da vegetação natural do lugar e da paisagem cultural. Como forma de abordagem para intervenção na paisagem, foi escolhida a metodologia de Carl Steinitz, “por ter uma base ecológica e de sintetizar os problemas para posteriormente aplicar o conhecimento recolhido nas mudanças efetuadas” (STEINITZ, 2012, p. 51).

Também se considera com a Carta de vegetação e a de Conflitos de escoamento de água pluvial. Posteriormente, são identificadas as características dos sistemas que compõe a paisagem e os elementos com potencial de descrição da paisagem estudada. Considerando os processos naturais e antrópicos (dinâmicos e estáticos), acentua-se a caracterização da área tomando os recursos metodológico, a fim de reconhecer e mapear os elementos da paisagem; organizar e coletar informações especiais da área de estudos. Entre outros aspectos, a elevação



da topografia, tipos de solo, vegetação, hidrologia, sistema viário, uso da terra privada e pública possibilitam o estudo baseando no conhecimento dos processos sociais e ecológicos.

Neste contexto, surge o “Projeto Cristiana” que busca promover o reconhecimento da história da comunidade do Assentamento, bem como, a importância da ocupação de espaços na cidade Bauru, a fim de fomentar ações afirmativas que possam subsidiar políticas públicas de cunho étnico-racial. Além disso, o projeto propõe-se a analisar os espaços de ocupação da população negra, contribuir com a elaboração de projetos de urbanização e requalificação da paisagem e estabelecer um vínculo entre universidade e comunidade. Destaca-se que a nomeação do projeto se deu em reconhecimento à importância da história de Cristiana, uma mulher negra que foi uma importante articuladora social no acampamento e no assentamento, e que muito mobilizou e colaborou com a comunidade. Após falecer em 2020, vítima de um câncer, Cristiana foi reconhecida pela própria comunidade que rebatizou o Assentamento Primavera em homenagem a ela. Destarte, compreende-se que Cristiana representa a luta de milhares de mulheres negras pelos direitos sociais no Brasil. Estas são a força motriz deste país e representam o principal expoente de transformação existente, pois “quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”, frase dita por Ângela Davis, importante ativista negra.

Através de uma oficina interativa com os membros dessa comunidade, realizada de maneira sistemática, conforme plano de trabalho pactuado previamente, com o intuito de captar suas necessidades e aspirações, desvelando um princípio participativo essencial para impulsionar uma agenda de justiça espacial na prática. Pode-se dizer que a participação se apresenta como diversas possibilidades. Ela também pode estar conectada ao envolvimento dos cidadãos, influência dos cidadãos, ação de grupo dos cidadãos, Co decisão e autogestão dos mesmos. A participação é um conceito geral que engloba diferentes formas de decisão em nome das partes envolvidas.

Em 2023, o projeto realizou quatro círculos de cultura, três na comunidade e um na Universidade, com periodicidade bimestral. Esses círculos visam fomentar a participação coletiva, utilizando uma metodologia freiriana de diálogo e construção crítica do conhecimento, com ênfase nas experiências de grupos marginalizados. A parceria entre o projeto Cristiana e a elaboração da tese Santos (2023) foi consolidada através da oficina intitulada “Águas da Vila Cristiana - Promovendo Justiça Espacial por meio da Gestão Participativa das Águas”. Deste ponto, tem-se como resultado uma carta de projetos pautados através do reconhecimento dos elementos da paisagem como subsídio de definição do projeto da paisagem.

Todas as ações realizadas pelo projeto, incluindo observação participante, questionários, audiências públicas e círculos de cultura, foram cruciais para estabelecer vínculos com a comunidade, compreender suas necessidades e promover um diálogo inclusivo. O projeto demonstra um compromisso com o engajamento e o empoderamento da comunidade por meio de metodologias participativas e foco em abordar os desafios específicos enfrentados pelo Vila Cristiana.

Na esteira dos estudos decoloniais - que também confere identidade ao trabalho em tela - essa consciência histórico-geográfica que se volta para outros saberes, enseja uma perspectiva de introduzir-se em saberes invisibilizados e subalternizados, fazendo-se



competente a realizar a crítica à colonialidade do conhecimento. Essa competência no pensamento decolonial seria uma emancipação epistêmica, neste caso a partir do conhecimento suscitado pela paisagem. Por fim, a análise da paisagem sob essa perspectiva nos convida a refletir sobre o papel do ativismo ambiental e a necessidade de uma abordagem interseccional que considere as múltiplas dimensões das lutas sociais. A práxis revolucionária, ao integrar as questões de raça, classe e gênero nas discussões sobre paisagem, contribui para a construção de um futuro mais justo e sustentável, onde todos têm voz e vez na configuração do ambiente que habitam.

REFERÊNCIAS

BOUCINHAS, Caio; LIMA, Catharina Pinheiro C. S. **Parque Pinheirinho d'Água: a luta por reconhecimento e visibilidade**. In: Pós. Revista do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, v. 20, número 33. São Paulo, 2013.

BOUCINHAS, Caio. **Projeto Participativo na Produção do Espaço Público**. São Paulo, Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, 2005. com/ambiental@grupos.com.br/msg00479.html. Acesso em: Junho de 2025.

BRIOSO, Antônia Maria Rodrigues. **PROJETO CARTOGRAFIA DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA DA EAUFGPA: uma didática da História em interface com a pedagogia decolonial**. Mestrado Profissional em ensino de História, Campus Ananindeua, Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2018.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CAVASSAN, Osmar. Weiser, Veridiana de Lara Flora vascular do cerrado de Bauru-SP. **Biota neotrópica**. <https://doi.org/10.1590/1676-0611-BN-2014-0093>

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

Forman, RTT & Godron, M. 1986. *Ecologia da paisagem*. Wiley & Sons Ed., Nova York.

Forman, RTT 1995. *Mosaicos terrestres: a ecologia de paisagens e regiões*. Cambridge University Press, Cambridge.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Coleção Leitura. São Paulo, Paz e Terra, 1996

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo, Editora Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin **Teoria da ação comunicativa de Habermas: possibilidades de uma ação educativa de cunho interdisciplinar na escola**, SchoolUniversidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Mestrado , , Brazil, <https://doi.org/10.1590/S0101-73301999000100007>, 1999.

HOOKS, Bell. **Black Looks: Race and Representation**. Massachusetts: South End Press, 1992.

LIMONAD, Ester e RANDOLPH, Rainer. **Cidade, Lugar e Representação**. Sua crise e apropriação ideológica num mundo de "urbanização generalizada". Texto apresentado no 6º Seminário da História da Cidade e do Urbanismo, Natal, RN, outubro/2000.

MAGALHÃES, K.C. **Altinópolis: Por um projeto da paisagem**. Tese de doutorado apresentada ao PPGEU- Programa de Pós graduação em Engenharia Urbana, UFSCar- Universidade Federal de São Carlos. 26 de agosto de 2016.

MAGALHÃES, K.C., CASTRO, C.M. P. *Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo: Contexto Contemporâneo e Desafios: Políticas Públicas*. **Novos Usos na Cidade Contemporânea: Inventário da Terra Pública e a destinação dos Remanescentes do Patrimônio Ferroviário no Estado de São Paulo**. ISBN: 978-85-7983-990-0.

MAGALHÃES, Manuela. **Arquitetura Paisagística**. Morfologia e Complexidade. Lisboa: Editorial Estampa, 2001.



MANTZIARAS, Panos. **Ville-Paysage**. Rudolf Schwarz e la dissolution des villes. Metis pressis., 2008. McHARG, Ian. **Poyetar Con la Naturaleza**. Barcelona: Gustavo Gilli, 2002.

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana**. Petrópolis: Vozes. . Acesso em: 12 out. 2025. , 2001

MARTÍNEZ ALIER, J. **O Ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração**. 2a Edição, Editora Contexto, 2018.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MEMMI, Albert. **Retrato do Colonizado Precedido pelo Retrato do Colonizador**. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1989.

METZGER, Jean Paul. O que é ecologia de paisagens? IN. **Biota neotrópica**, Laboratório de Ecologia de Paisagens e Conservação - LEPaC, Departamento de Ecologia, Instituto de Biociências USP, Rua do Matão, 321, travessa 14, 05508-900, São Paulo, SP, Fone: 11 3818.7564, Fax: 11 3813.4151, Jpm@ib.usp.br <https://doi.org/10.1590/S1676-06032001000100006>

MOTA NETO, João Colares Da. **Educação Popular e Pensamento Decolonial** Latino-americano em Paulo Freire e Orlando Fals Borda. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2015.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro. O processo de racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PEREIRA, Raul Isidoro. **O sentido da paisagem e a paisagem consentida: projetos participativos na produção do espaço livre público**. São Paulo, Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, 2006.

QUEIROZ FILHO, Alfredo Pereira de As definições de assentamentos precários e favelas e suas implicações nos dados populacionais: abordagem da análise de conteúdo. **Urbe, Revista Brasileira Gestão Urbana** 7 (3) • Set-Dez 2015, <https://doi.org/10.1590/2175-3369.007.003.AO03>

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças**. 2015. Tese (Livre Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. . Acesso em: 24 fev. 2023.

SANTOS, Mariana Covo dos **Fostering Spatial Justice through Water Management: Neighborhood Plan for Vila Cristiana, Bauru / Brazil** Politecnico di Torino Master thesis in Architecture for the Sustainability Design, Supervisor Prof. Mario Artuso Co-supervisor Prof. Ombretta Caldarice External Co-supervisor Prof. Kelly Cristina Magalhães 2023

SILVA, Renatto Andriolla da. **O conceito de práxis em Marx. Dissertação de mestrado**, Programa de Pós graduação em Filosofia, Universidade Federal de Rio Grande do Norte, 2017.

SOUZA, Jessé. **Ralé brasileira: quem é e como vive** — Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

STEINITZ, Carl. **A Framework for Geodesign**. Esri: Redlands CA, 2012.

VIEIRA, Teresa Maria de Mendia. **A Ecologia como Fundamento para o Desenho da Paisagem** Caso de Estudo – Parque Urbano da Ribeira dos Mochos. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura Paisagista, <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/5294/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20TERESA%20VIEIRA.pdf>

WALSH, Catherine. Interculturalidad Crítica/Pedagogia decolonial. In: **Memórias del Seminario Internacional "Diversidad, Interculturalidad y Construcción de Ciudad"**, Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional 17-19 de abril de 2007.

Documento pesquisado:

O direito humano à habitação adequada. Relator Especial sobre o direito à moradia adequada <https://www.ohchr.org/acessado: 07/09/2025>.